

As mocinhas de Avignon viviam em Barcelona



"Les Femmes d'Alger", o quadro de Picasso objeto de controvérsias em Barcelona



"Ação em Sete Exposições", performance do artista alemão Joseph Beuys, em 1972

MATINAS SUZUKI JR. Enviado Especial a Barcelona

"Les Dames d'Avignon", quem diria, começaram num prostíbulo. Esta é a grande polémica sobre a obra seminal do mestre Picasso, que está exposta à visitação pública desde ontem no Museu Picasso de Barcelona e fica até 14 de julho. Isto é, o Moma de Nova York ficará sem as suas cinco musas neste verão, mas avisa que esta é a última vez que este ícone do modernismo viaja de volta da América para o Velho Mundo. Arte é bolsa de valores, ensina o inferno de Wall Street e o império do sol nascente.

Mas vou à questão. O Museu de Picasso de Paris nega-se a confirmar a versão, mas os picassetes (as fíteses de Picasso não me levam a mal) da Catalunha juram que o quadro deveria se chamar "Les Senyorettes d'Avinyó" e que foi inspirado num prostíbulo da casa nº 26 da rua Avinyó, aqui em Barça, e não na cidade francesa de Avignon —na qual residiria somente a partir de 1912. O quadro foi pintado pelo pintor mestre Picasso em 1907, quando tinha 26 anos.

Não é segredo para ninguém que o mestre Picasso adorava penetrar no labirinto da safadeza. A curadora francesa da retrô de uma obra só, Helene Seckel, disse que o velho Pablo ficou uns dois anos trabalhando na idéia da obra e que produziu cerca de 800 imagens (estudos, desenhos etc) durante seis meses até desnudar definitivamente as primas-donas da "avant garde" do início do século.

Como em tudo, primeiro a política, depois o sexo. Durante anos, os especialistas ficaram pesquisando a gênese da "Guernica", o horror da modernidade. Agora estudam a concepção, realização e nascimento das mocinhas de Avignon ou Avinyó, como você preferir. Acho bastante provável e bem mais interessante a versão do prostíbulo, sustentada por Lluís Permanyer no diário catalão "La Vanguardia".

Ele cita três fatos de interesse meramente biográfico: a) um diálogo de Joseph Palau i Fabre com Picasso, no começo dos anos 50, no qual o pintor se refere à existência de um puteiro na rua Avinyó, na Velha Barcelona; b) o especialista Christian Zervos escreveu em 1942 (e nunca foi desmentido por Picasso) que o "título da obra não é do artista. Ele havia explicado que na tela pintou uma recordação de uma casa pública de Barcelona, na rua Avinyó, próxima à casa de seu pai"; c) ao crítico Daniel Henry Kahnweiler, ele teria confessado que o nome "Les Dames d'Avignon" lhe desagradava muito.

Há uma ludi-libidinosa coerência na interpretação militante da Catalunha, mas o fato é que o nome em francês está consolidado para a posteridade e serve até para o título da própria exposição, que além dos

estudos, esboços, desenhos e trabalhos do pintor no período 1906/07, traz também os quadros que serviam de referência para o mestre Picasso na época, como "A Visão de São João", de El Greco, "As Três Banhistas" de Cézanne, e as "Banhistas" de André Derain, pintada em 1907, além das máscaras africanas que também teriam influenciado na lenta confecção das "les demomusas" da modernidade (acompanha a exposição um verdadeiro livro da gênese da obra, com 716 páginas e custando por volta de Cz\$ 10 mil —o que é realmente barato, em função da quantidade de ilustrações em cores).

Com bordel ou sem bordel, a questão é anedótica. O que me espanta é que esta terra totalmente cosmopolita esteja imbuída de um profundo espírito separatista ou autonomista, como preferem. O empenho em dizer que Picasso fez das putas suas musas mostra o quanto este sentimento está enraizado num dos pólos da ponte aérea da imagem mais internacionalizada da Europa latina (o outro é Milão). Mas, sobre este eixo sopra o superego do céu de Berlim, vide Wenders e aprendendo a nadar).

Mesmo os politicólogos da universidade autônoma de Barcelona, discutindo o terrorismo com alternativa para a independência da Catalunha, não deixam de transparecer uma perplexidade; condenam o foquismo das lutas armadas, mas ponderam que o fenômeno requer "uma análise crítica da gênese (a palavra está em todas as bocas, você já notou?) da violência social e uma serena reflexão sobre o papel da violência na história". Em suma, discutem, mas não resolvem nada. Além disto, o autonomismo catalão tem que incorporar as políticas fragmentárias como o ecologismo, o feminismo, o sexo, as drogas, o rock'n'roll e a neuronóia comum europeia (40% dos cidadãos da Catalunha são à favor da independência da região). O resultado não deixa de ser culturalmente fervilhante. Meu coração bate feito o Nat King Cole cantando "Ansiedad". Dá-lhe, Frontal.

Enquanto isto, o coiteiro uiva por aqui, como já uivou em Coyoacan (terra dos coiteiros, na cidade do México, onde a poesia encontrou a revolução). A fama pode ser reles, como alguém avisou ao perito em explosivos Joseph Beuys, mas o seu urro, registrado em um clip ao lado do videopop(e) Nam June Paik tocando piano, ecoa como a manifestação mais visceralmente forte das últimas décadas. A exposição chama-se "Joseph Beuys, Ponto de Confluência 1962/87" (que está na Fundação Caixa de Pensions até o dia 22), e, além das suas quaisquer coisas, estão as instalações (lembro que a arte moderna já existia no comércio de Barretos, 422 km ao norte de São Paulo; uma loja dizia:

"A instaladora instala num instalô"; a outra chamava-se "Aves e Ovos Alves". Você já viu de onde eu vim) e objetos de seus alunos e amigos que trabalharam em Dusseldorf, na Alemanha, Beuys foi o verdadeiro diá!

Mas o coiteiro também é sublime. O artista acaria a lebre morta, um de seus gestos mais terríveis. O último artista (arte é o que o artista chama arte, diz Marcel Duchamp, reproduzido na bela revista espanhola "El Passante", que a livraria Duas Cidades vendia aí em São Paulo; que Deus salve a livraria, já que a pandega é teo-imobiliária) que citou a lebre e o coiteiro em público, em SP, foi o multimidiarian Jorge Salomão que eu espero que esteja passando bem. "O artista não tem que inventar, tem que descobrir novas vinculações", uivava o coiteiro Beuys.

Pina Bausch também baixou por aqui com "Tanztheater" (dança-teatro). Nunca vi nada tão pretensiosamente moderno. Tem a profundidade metafísica de uma formiguinha caminhando em um pires com a água pelo joelhos, como diria aquele pensador brasileiro. Todas as bailarinas são cópias de tele-fax de Pina: cabelos compridos, lisos, e corpo de bezerro magro do nordeste gritando mãe para as divinas tetas da vaca profana. Pode se fazer publicidade com toque de angústia mas a exigência da interrogação profunda da arte não cabe na cara de um modelito que parece posando para uma foto da Calvin Klein em revista americana. Depois, sobre pouca para o palco, já que o "look" das ruas e da platéia entrou na competição (literalmente: a onda agora aqui é andar com a cara branca de quem acabou de representar no teatro Kabuki. Os anos 80 bem que poderiam ser conhecidos como os anos José Vasconcellos. Lembra-se que ele fazia um show chamado "Eu Sou o Espetáculo"? O efeito José Vasconcellos emplacou com tudo).

Também se discute muito por aqui. Bissexualidade em Milão, a obra de Octávio Paz em Madrid e, claro, o nihilismo aqui em Barça, com a dupla de meio de campo Nietzsche e Heidegger jogando na zona do agrário. Descobriram até alguns fragmentos póstumos do filósofo demasiado humano dizendo que o nihilismo é brincadeira de pensadores. "Para alguém que, por ser um guerreiro do conhecimento, continuamente está lutando somente com verdades horripilantes (pois a verdade é horrível), constitui um grande desprezo a crença de que não há verdade nenhuma; a crença do nihilista". Ou, como naquela música soui nietzschiana cantada por Peninha, é preciso que se abra a cabeça para que afinal floresça o mais que humano em nós". E tchau, que a vida prossegue em ritmo de Fórmula 1.

Crítico seleciona trabalhos de artistas brasileiros para exposição na Inglaterra

ANTONIO GONÇALVES FILHO
Da Reportagem Local

A galeria Hayward, em Londres (Inglaterra), abre suas portas, provavelmente em maio ou junho do próximo ano, para uma monumental exposição de arte latino-americana dos anos 50 e 60, sob a curadoria do professor de História da Arte Dawn Ades, inglês como o crítico Guy Brett, 45, que está no Brasil selecionando os artistas para participar da mostra. Brett, autor de vários ensaios sobre arte brasileira publicados na Inglaterra —principalmente sobre o trabalho de Lygia Clark, que morreu recentemente—, esteve em São Paulo pesquisando nomes junto a alguns participantes do movimento concreto e concedeu anteontem uma entrevista exclusiva à Folha.

Brett não adiantou quem deverá integrar a exposição, mas revelou que pretende escolher, no máximo, oito artistas, aproximadamente uma centena de trabalhos. "Creio que é melhor reduzir o número de participantes, levando mais obras para que o público possa ter uma visão precisa da trajetória de cada artista, ao contrário do procedimento adota-

do na mostra "Modernidade", que acabei de ver no Museu de Arte Moderna de São Paulo, e sobre a qual é difícil concluir alguma coisa", diz.

Pela lista de preferências de Brett e seus ensaios publicados em livros como "Arte Cinética" e "Through Our Own Eyes", uma provável lista pode ser encabeçada por Lygia Clark, seguida por Hélio Oiticica, Sérgio de Camargo e Mira Schendel, representando o Brasil, e, pelo lado venezuelano, dois artistas que vivem em Paris e têm a mesma idade, 65, o cinético Jesus Raphael Soto e o "op" Cruz-Diez, como os demais (com a exceção de Oiticica) vinculados ao Gabinete de Arte da "marchande" Raquel Arnaud. Anteontem, Brett passou o dia inteiro a seu lado à procura de relevos de Sérgio de Camargo dos anos 50. De Lygia Clark encontrou trabalhos pertencentes à coleção particular de Raquel Arnaud, mas não conseguiu localizar obras de Mira Schendel dos anos 50 e 60.

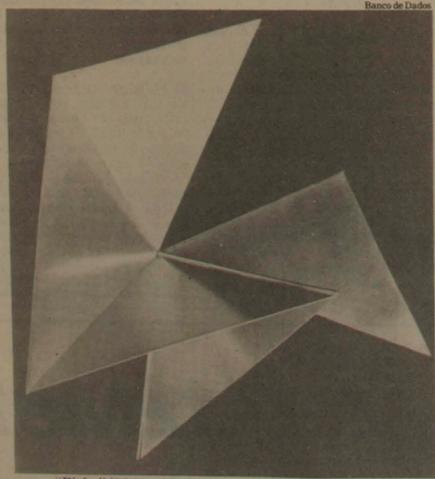
O crítico inglês também foi à exposição do pintor Hermelindo Fiaminghi na galeria Montasanti, em São Paulo, e se mostrou interessado

pelos trabalhos do artista plástico José Resende, mas, como vai concentrar seus esforços na produção de três décadas atrás, esses nomes estão praticamente fora da lista dos participantes da exposição londrina.

Guy Brett visitou pela primeira vez o Brasil em 1965. Veio para a Bienal de São Paulo e já conhecia o trabalho de Lygia Clark. "Quando vi os de Oiticica fiquei impressionado. Tinha certo parentesco com os projetos desenvolvidos por Barnett Newman e Sol LeWitt, mas, de alguma maneira, se afirmava diante deles", diz o crítico, classificando Lygia, Hélio e Sérgio de Camargo de "herdeiros de Malevitch e Mondrian". Nesta sua mais recente passagem pelo país, Brett não fez descobertas tão grandiosas. "Pelo menos nada que se compare ao trabalho de Lygia Clark", observa.

Curador de uma exposição sobre a arte da República Popular da China realizada na Inglaterra em 1976, Brett demonstra que seu interesse não converge apenas para o abstracionismo. Surpreendentemente, não há trabalhos, em "Through Our Own Eyes" (GMP Publishers, 1986, 157 págs, 8,95 libras), que não sejam figurativos, dos bordados populares chilenos denunciando arbitrariedades políticas no país à arte engajada dos negros africanos vítimas de colonizadores belgas. Crítico engajado, que presta homenagem a Brett em quase todos os seus ensaios, Brett se recusa a ver a arte popular como uma manifestação de interesse relativo. "Quanto mais intensamente essas imagens criadas por artistas do povo expressam uma realidade local, mais globais elas parecem", diz.

Nesse mesmo livro Brett conta todo o episódio da base de mísseis nucleares de Greenham Common, no começo dos anos 80, quando dezenas de pessoas promoveram um protesto artístico "monstro" sobre as cercas de arame farpado que guardavam 96 mísseis americanos. Classificando o ato de "arte participativa", o crítico mostra como a colocação de objetos sobre as cercas (de fotos com crianças sorrindo a ovos pintados com o símbolo da paz) tinha em comum com o suprematismo de Malevitch (um dos pioneiros da arte abstrata na União Soviética dos anos 20) uma postura igualmente revolucionária enquanto criação artística.



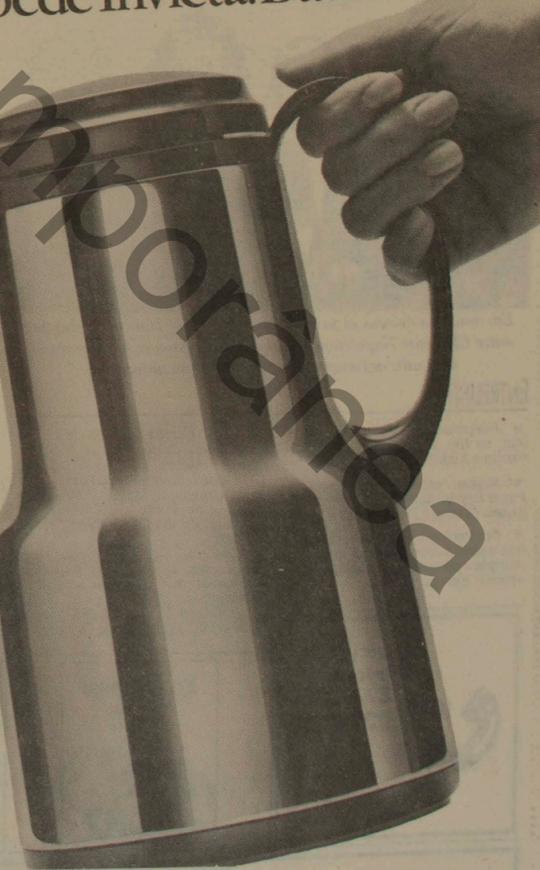
"Bicho" (1960, alumínio anodizado), de Lygia Clark

Inverno pede Invicta. Da Dillard's.

Esse friozinho que está chegando vem trazendo velhos hábitos e uma novidade. Um lugar aconchegante, uma boa companhia, um livro. Tudo isso mais um gostoso chocolate quente ou um verdadeiro chá conservado numa garrafa térmica Invicta Premium. Invicta Premium, garantia de uma boa bebida sempre quentinha. Dillard's, promessa de grandes momentos.

OFFerta Dillard's.
Modelo Premium - Cz\$ 3.750,
Válido até 21/5/88.

INVICTA



Sinta-se

Dillard's
É diferente.

Augusta - Center Norte - Iguatemi - Morumbi

Você pode utilizar os Cartões American Express, Bradesco, Credicard, Diners, Nacional e o exclusivo Cartão Dillard's